

EZEQUIEL

CAPÍTULO 1

PRIMEIRA VISÃO DE EZEQUIEL. NO MEIO DE UMA NUVEM INFLAMADA APARECEM QUATRO ANIMAIS, AO PÉ DELES QUATRO RODAS, POR CIMA UM FIRMAMENTO, SOBRE O QUAL ESTÁ UM TRONO, E ASSENTADO SOBRE O TRONO UM HOMEM, TUDO CERCADO DE RESPLENDOR.

1 E aconteceu aos trinta anos, em o quarto mês, a cinco dias do mesmo, que estando eu no meio dos cativos junto ao rio Cobar, se abriram os céus, e tive visões de Deus. (1)

(1) **E ACONTECEU AOS TRINTA ANOS** — São várias as opiniões sobre de onde se deve contar este ano trinta. Uns que do nascimento do profeta. Outros que do ano décimo oitavo de Josias, em que foi achado o volume da Lei, segundo se lê 4 Rs. 22, 3.8. Outros que do último ano do Jubileu. Outros que do tempo em que foi pronunciada a sentença do cativo de Babilônia. Outros, finalmente, que do tempo em que Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, deu princípio a uma nova monarquia. A segunda opinião é a que com S. Jerônimo preferem Usset, Calmet e de Carrières. A última é a que segue o Escoliaste de Carrières. O quarto mês que o profeta aponta, é o mês de Thamnus, que correspondia ao nosso junho, e era o quarto do ano santo. Cfr. Glaire, ed. 1902.

ESTANDO EU NO MEIO DOS CATIVOS — O hebreu e os Setenta dizem, no meio do cativo. E daqui fica claro que o

Ezequiel 1, 2-4

2 Aos cinco dias do dito mês, é pontualmente o ano quinto da transmigração do rei Joaquim.

3 Foi dirigida a palavra do Senhor a Ezequiel sacerdote, filho de Buzi, na terra dos caldeus, junto ao rio Cobar: E lá obrou a mão do Senhor sobre êle. (2)

4 E vi, e eis-que vinha da banda do Aquilão um vento de torvelinho: E uma grande nuvem, e um fogo que se envolvia, e à roda dela um resplendor: E do meio dêle, isto é, do meio do fogo, aparecia uma como espécie de esmalte. (3)

estar no meio dos cativos, como se explica a Vulgata, não é estar rodeado dêles, mas sim com êles no cativeiro.

COBAR — E' muito difficil precisar com segurança qual é este rio Cobar, em hebreu Chebar, que nascia na Mesopotâmia e vinha desaguar no Eufrates. Não é o Chaboras, Khabor, de Gozan, que tem a sua foz no Tigre, 4 Rs 17, 6, pois que este nome é completamente diverso; querem alguns que seja o moderno Khabour, que corre na alta Mesopotâmia e que se lança no Eufrates; porém é mais provável que este nome designe aqui um dos canais do Eufrates, nos arredores de Babilônia, visto que o texto diz "na terra dos caldeus" designação que não convém ao Khabour, que corre ao norte de Babilônia, enquanto que a Caldéia ficava ao sul.

SE ABRIRAM OS CÉUS — Isto não é dizer que se rasgasse o firmamento, para ficar patente aos olhos do corpo o que havia nêles; mas é fazerem-se espiritualmente manifestos a Ezequiel os divinos mistérios, por meio do lume profético que o illustrava. — S. Jerônimo.

(2) **MÃO DO SENHOR** — Isto é, a ação, a força, a energia do Espírito Santo, como interpreta Teodoro.

(3) **UM VENTO** — E' Nabucodonosor que devia vir do lado do norte para desolar a Judéa. Ainda que Ezequiel estivesse na Mesopotâmia, Deus representa-lhe as coisas como se estivesse na Judéa. Glairé, Sainte Bible ed. 1902.

ESMALTE — A Vulgata traduzia o termo hebraico do original *hasmal*, *electrum* segundo o grego *electron*, que o padre Peireira verteu à letra por o termo *electro*, que substituímos, por ser ininteligível, pela significação que os exegetas modernos lhe dão.

A palavra *hasmal* só se encontra em Ezequiel, e tem sido objeto de extensas e variadas dissertações. Cfr. Gesenius, *Thesaurus Linguae hebraicae* pag. 835 e sobre todos, e esse parece-nos o trabalho mais completo e consciencioso, Bochart, *De Scripturae animalibus* 1692, t. III, pp. 870-878. Os dicionários hebraicos traduzem *aes leve*, *polltum*, *auricalcum* cfr. Leopoldo, *Lexicon hebraicum chaldaicum*, Glaire, etc. Mas, pergunta-se, o que é que a Vulgata e os Setenta quiseram designar pelo termo *electrum*? Entre os antigos esta palavra significava três substâncias diferentes: o âmbar amarelo, uma pedra cristalina, e uma liga metálica, composta de ouro, prata, cobre, denominada *auricalcum*. Os críticos dizem que a palavra *hasmal* não pode significar o âmbar amarelo porque esta substância não se encontrou na Assíria nem na Caldéia; veja-se Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. II, pp. 768, 869; t. III, pp. 354, 855. Bochart, acima citado, pronuncia-se a favor do metal e apresenta uma nota com a seguinte epígrafe *Probatum Hasmal in Ezechiele esse auricalcum*. Entre outras razões aduz a seguinte, deduzida da etimologia da palavra *hasmal*; diz elle: *hasmal* deriva de *nahas* o bronze, e da palavra talmúdica *malal* o ouro, e compõe o termo *nhasmal*, forna mais completa de *hasmal*, mandando ler 1 Esd 8, 27, e citando Plínio, que define o grego *electron* — metal composto de ouro e prata. A determinação d'este termo pertence à arqueologia. As modernas e mais seguras investigações arqueológicas não acharam na Caldéia vestígios da existência d'este famoso *auricalcum* ao qual se referia S. Isidoro de Sevilha, porém a assiriologia leva-nos à convicção de que o *hasmal* de que fala Ezequiel é o esmalte. Deixemos agora a origem etimológica da palavra *esmalte*, o *esmail* francês, que alguns críticos e filólogos pretendem derivar d'este termo hebraico *hasmal*, que Du Cange, *Glossarium* t. VI, 1846, entende ser a raiz do baixo latim *smaltum*; *esmail*, francês; *esmalte*, português e espanhol; *esmaut*, provençal; *smalta*, italiano; *schemels*, alemão; porque isso levar-nos-ia muito longe, bastando apenas que fique isto registado. Entre outros filólogos que partilham desta opinião, e que vão buscar a este termo hebraico a origem do *esmalte*, e *esmail*, francês, citaremos Ménage, *Dictionnaire etymologique*, Honorat, *Dictionnaire provençal-français* 1847 e Cazeneuve, *Origines de la langue française*. Entendem os exegetas que os Setenta e as versões antigas, como a árabe e itala, empregaram o termo *electrum*, porque não existia, nem em grego, nem em latim, termo particular que significasse *esmalte*;

Ezequiel I, 2-4

e por isso verteram *hasmal* pela expressão que na língua designasse a fusão de diversos metais brilhantes e pudesse exprimir melhor a idéia do esmalte. Hoje sabe-se que os antigos egípcios e os caldeus conheciam o esmalte, que na Idade Média teve o nome de *electron*. Cfr. Luthmer, *Das Email, Memoir on the ruins of Babylom 1816* e A. Layard *Nineveh and Babylon*; J. Oppert, *Expedition scientifique en Mesopotamie*, t. I, pag. 143 e Perrot, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. II, pp. 295, 311. Labarte diz que os Setenta empregando o termo *electron* não entenderam outra coisa senão o esmalte, e afirma que Ezequiel empregando o termo *hasmal* assinalou os grandes impérios asiáticos como berço de arte de esmaltagem. Transcrevemos as suas próprias palavras: "Les Septante n'ont pu entendre autre chose que l'email, en se servant du mot *electron*... Ezechiel, en employant, durant sa captivité, un mot étranger à la langue hébraïque, pour désigner les émaux à figures qu'il prend comme terme de comparaison dans certaines propheties, a signalé les grands empires asiatiques comme le berceau de l'art de l'émaillerie." *Recherches sur la peinture en émail dans l'antiquité et au moyen age*, Paris 1856, pp. 91 e 92. Os esmaltes que ornavam os monumentos da Caldéia, eram notáveis pelo brilho das côres, tendo animais, objetos diversos, produto de uma fantasia excitada e de uma imaginação viva, o que era de molde a deslumbrar e a impressionar os hebreus cativos. Têm-se encontrado fragmentos de esmalte sobre metal e tijolo, sendo este de côres cintilantes e de uma consistência semelhante à porcelana. Victor Place, no seu livro *Ninive et l'Assyrie*, t. II, pag. 253 fala deste esmalte, descrevendo as suas propriedades, reproduzindo-o até por gravuras coloridas. Encontram-se notícias sobre este assunto em Linas, *Les origines de l'orfèvrerie cloisonnée*, t. I, pag. 63 e 73 e em Jacquemart, *Merveilles de la ceramique* 1.ª parte, *Orient 1868*, pag. 169 e 170. Ezequiel não nos descreve as côres deste esmalte, mas os vestígios encontrados nas ruínas dos palácios, nas margens do Tigre e do Eufrates, mostram-nos que as côres predominantes eram o azul, fazendo o fundo, e os ornatos, animais, árvores, vestuários em amarelo alaranjado; raras vezes aparece o verde e o preto. Ora o trono de que fala Ezequiel, no versículo 26, era azul, o que concorda com o que acabamos de dizer, e que é fornecido pelos dados da moderna assiriologia, que no estudo destas passagens nos presta um grande e valioso auxílio.

5 E no meio do fogo se via a semelhança de quatro animais: E este era o seu aspecto, havia nêles a semelhança de um homem. (4)

(4) **QUATRO ANIMAIS** — Esta visão, pela qual se inicia o livro de Ezequiel, é, sem dúvida alguma, uma das passagens mais importantes, mais estudadas, mais discutidas dos livros Santos. Ezequiel é o profeta das grandes visões, e não existem, em língua alguma, descrições mais arrebatadoras, visões que mais impressionem do que as de Ezequiel. E contudo, durante séculos, foram como que um livro selado, ininteligível, de uma obscuridade indecifrável. Os quadros de Ezequiel só tinham sido claros para os contemporâneos do autor, que conheciam a arte da Caldéia, as suntuosidades da Babilônia, os progressos da Assíria. Depois que tudo isso se perdeu, o livro ficou imperecível, e já Flávio Josefo escrevia nas suas *Antiguidades judaicas*, — ninguém pode conjecturar como eram os querubins de Ezequiel VIII-III.3. t. I, p. 424. As sinagogas judaicas não se atrevem a comentar esta passagem; e não pode surpreender esta ignorância, desde que era desconhecido por completo o meio em que Ezequiel tinha vivido, e só, conhecido este, se pode compreender o que êle escreveu. Os monumentos das margens do Tigre e do Eufrates estavam sepultados, êles foram testemunhas do profeta, e só depois dos Boita e dos Layard, e outros assiriólogos os terem feito reviver, Ezequiel pode ser compreendido. Ezequiel, escreveu nessas paragens célebres, tinha diante dos seus olhos magníficas obras de arte, a estas foi buscar as imagens e as figuras de que se serviu em seu livro. Ressuscitadas aquelas, puderam estas ser explicadas. Nenhum escritor sagrado ganhou tanto como Ezequiel com as descobertas assiriológicas. Agora que nos podemos transportar em espírito ao seu próprio meio, como que respirar o mesmo ar, ler as mesmas inscrições, repousar nas mesmas pedras, fitar os mesmos monumentos, embora aludidos e transformados pela ação implacável do tempo e dos homens, agora podemos dar um sentido mais preciso às suas expressões, e as suas imagens tomam uma forma mais clara e distinta. Com razão diz Vigouroux, uma visita ao opulento museu do Louvre vale bem mais do que ler os mais volumosos comentários. O termo *animal* empregado nesta passagem indica que nestes seres predominava a forma animal. Ora

Ezequiel 1, 5

nos monumentos da Caldéia e da Assíria são freqüentes êstes animais com formas extraordinárias. No museu do Louvre encontra-se o touro alado do palácio de Sargão, em Khorsabad, de 4m,20 de altura, tendo a cabeça de homem, asas de águia, corpo de touro. Deus, é sabido, nas revelações que fazia aos seus profetas, não lhes manifestava exclusivamente coisas para êstes de todo o ponto desconhecidas; para lhes fazer compreender o seu pensamento, e aquêles a quem os profetas deviam comunicar os oráculos divinos, servia-se de imagens que estivessem patentes aos seus olhos e que lhes fôsem familiares; no Egito serviu-se de imagens egípcias para falar a Moisés, e até aos usos egípcios se foram buscar as vestes sacerdotais; na Palestina, as metáforas e as figuras de que se servem os escritores sagrados são palestinianas; agora, na Assíria e na Caldéia são assírio-caldaicas; o Senhor, falando aos seus intérpretes, vai buscar as suas imagens às coisas que êles vêem e que mais os impressionam, porque assim compreendem os ouvintes por estas o que se lhes diz. Ora como êstes animais eram freqüentíssimos, e ofereciam grande curiosidade aos judeus ali cativos, o profeta vem a esta Babilônia buscar imagens, combinar símbolos aos quais dá uma outra significação. Os animais são para os caldeus objetos supersticiosos, o touro e o leão alados divindades que guardam as casas e protegem os templos, da mesma maneira que os querubins eram, para os hebreus, os ministros do Senhor. E os adoradores do verdadeiro Deus, cativos na Babilônia, compreenderam, sem esforço, o que Ezequiel lhes queria significar, comparando o que ouviam com as imagens que êles viam a cada passo. Esta visão é como que o desenvolvimento de uma idéia religiosa corrente entre o povo de Deus. O Senhor, no deserto de Sinai, tinha colocado no propiciatório dois querubins, que lhe assistiam ao seu trono. Ex cc. 25.37; o Salmista cantara as glórias de Iahvéh, sentado sôbre os querubins, Sl 80. O profeta do cativoiro representa-nos agora os animais extraordinários que viu sôbre o Cobar, formando um trono ao Deus Altíssimo, limitando-se a pintar num quadro, com côres reais, o pensamento dominante no seu povo. E é por êste motivo que lhes chama querubins, para despertar a tradição israelita, não dando a seus sêres outro nome que nessa tradição não existisse.

SEMELHANÇA — O Profeta não nos apresenta êstes animais como reais, descreve-os por esta forma hieroglífica, usando êste modo de dizer ao qual os índios e os demais povos orientais,

6 Cada um tinha quatro rostos, e cada um quatro asas. (5)

7 Os seus pés eram pés direitos, e a planta do pé dêles era como a planta do pé de um novilho, e dêles saíam umas faíscas, de que resultava uma como representação de cobre abraseado.

incluindo os hebreus, estavam acostumados. Nós mesmos representamos os anjos com cabeças humanas e asas, simbolizando assim a inteligência e a velocidade.

(5) **ROSTOS** — O latim *facies* da Vulgata corresponde ao *panim* do original hebraico. O termo *panim* significa a parte visível, a parte externa de uma pessoa ou coisa, Gesenius *Thesaurus*, e ainda aparência, figura, forma. *Fürst Hebräisches und chaldäisches Handwörterbuch* 1860 t. II p. 224. Em que sentido se deve tomar nesta passagem esta palavra? Uns querem que êstes querubins tivessem quatro faces, quadrifontes; outros que fôsem animais de um só rosto, a face humana exclusivamente, tendo no resto do corpo a aparência de quatro seres distintos. Uns críticos defendem a primeira opinião, outros a segunda, e entre êles o célebre exegeta padre Bento Pereira, que se exprime desta sorte: “*Nonnulli magno imaginationis errore, imaginati sunt, quod licet illorum quatuor animalium (Apocalypsis) habuisse capita quatuor et quatuor facies, unam leonis, alteram bovis, tertiam hominis, et quartam aquilae: in quam sententiam preterea isti adducti sunt quod Ezechiel dixit, quatuor facies fuisse unicuique illorum animalium et quatuor penus. Verum istam esse falsam imaginationem, perspicuum fit ex eo quod ibi subjunxit Ezechiel dicens, quod unumquodque istorum animalium gradiebatur ante faciem suam... Sed nomen faciei eo in loco non proprie significat vultum et os sed amplius quamlibet speciem et similitudinem, sive id quod quia proprium est alicujus rei vel personæ, ex eo res illa vel persona discrete ab aliis cognoscitur*” B. Pereira. *Disputationes super libro Apocalypsis*. Aos argumentos dos defensores da segunda opinião juntam os modernos exegetas um outro deduzido da arqueologia. Os animais simbólicos da Assíria, descobertos nos últimos tempos, têm um só rosto humano, e no resto do corpo apresentam traços de vários animais; e exatamente o que mais impressionava, o que primordialmente ressaltava nesses

Ezequiel 1, 8-13

8 E tinham mãos de homem debaixo das suas asas aos quatro lados. E também tinham rostos, e asas pelos quatro lados. (6)

9 E quanto a estas asas, estavam as de um juntas a outro: Não se voltavam quando iam caminhando: Mas cada qual andava diante da sua face.

10 E a semelhança do semblante dêles era: Rosto de homem, e rosto de leão à direita dos mesmos quatro: E rosto de boi à esquerda dos mesmos quatro, e rosto de águia no alto dos mesmos quatro. (7)

11 Os seus rostos, e as suas asas se estendiam ao alto: Duas asas de cada um se ajuntavam, e duas cobriam os corpos dêles:

12 E cada um dêles andava diante da sua face: Onde estava o ímpeto do espírito, para ali caminhavam, nem se voltavam quando iam andando.

13 E a semelhança dos animais era que o seu aspecto vinha a ser como um fogo de brasas ardentes, e como uma aparência de lâmpadas. Esta era a visão que discorria no meio dos animais, resplendor de fogo, e relâmpago que saía do fogo.

colossais animais de pedra era o rosto humano o facies hominis, mas um só rosto. Estes quatro animais são os símbolos dos quatro evangelistas.

(6) **TINHAM MAOS** — Estes querubins, homens pelo rosto, touros ou leões no corpo, tendo asas, tinham pés (v. 7) e mãos. Assim mesmo os encontraram nos monumentos assírios, com muitas pequenas modificações. A escultura assíria oferece-nos destes exemplares, felizmente conservados no museu Napoleão III.

(7) **ROSTO DE HOMEM** — O rosto de homem simbolizava a inteligência; o de leão, a energia; o de boi, a força; o de águia, a velocidade. O emprêgo destas imagens compreende-se facilmente desde que nos lembremos que Ezequiel falava a judeus, para quem era trivial a linguagem simbólica, e no tempo em que estava em seu esplendor a linguagem hieroglífica.

14 E os animais iam, e voltavam à semelhança de relâmpagos coruscantes.

15 E ao tempo que eu estava olhando para êstes animais, apareceu ao pé dos tais animais uma roda sôbre a terra, a qual tinha quatro faces: (8)

16 E o aspecto das rodas, e a obra delas era como a vista do mar: E uma só a semelhança das mesmas quatro: E o aspecto delas e obras eram como se estivera uma roda no meio de outra roda. (9)

17 Elas iam igualmente pelos seus quatro lados: E não se voltavam quando iam rodando..

18 Tinham também estas rodas uma grandeza, e uma altura e um aspecto horrível: E todo o corpo das mesmas quatro rodas estava cheio de olhos ao redor. (10)

(8) **RODA** — Depois de ter descrito os querubins, Ezequiel passa à segunda parte da visão, a das rodas. Talvez porque não se tenham aprofundado mais os estudos bíblico-arqueológicos, e não apareçam novas descobertas, nós não temos nos dados da assiriologia coisa alguma, nas esculturas e baixos-relevos até agora descobertos, que possa corresponder e explicar esta pintura bíblica, pelo que esta passagem continuará na mesma obscuridade. E' certo que nalguns monumentos assírios se encontram as rodas como motivos decorativos, assim nas portas de Khorsabad, nas quais uma roda está dentro de outra roda, mas terão estas analogia com aquelas outras? E' possível, mas é temerário afirmá-lo com segurança.

(9) **VISTA DO MAR** — O que está no original hebraico é "côr de tarsis" que S. Jerônimo traduziu *quasi visio maris*, isto é, côr de água do mar, ou azul celeste; segundo a versão de Aquila *tarsis* é a crisólita, segundo Símaco é o jacinto, e alguns entendem que é o âmbar.

(10) **CHEIO DE OLHOS AO REDOR** — A palavra hebraica *ain*, olho, também se emprega em sentido metafórico na acepção de côr. O douto Calmet, no seu *Commentaire sur Ezechiel*, diz que esta passagem se pode traduzir assim: "Tôdas as quatro rodas eram diversas pelas diferentes côres", e explica que se em-

Ezequiel 1, 19-23

19 E quando os animais andavam, andavam também ao mesmo passo as rodas ao pé d'êles: E quando os animais se elevavam da terra, também as rodas juntamente se elevavam.

20 Para qualquer parte que o espírito ia, indo para lá o espírito, as rodas, seguindo-o, também igualmente se elevavam. Porque o espírito de vida estava nas rodas.

21 Andando os animais andavam as rodas e parando êles paravam elas: E quando êles se tinham elevado da terra, também as rodas seguindo-os juntamente se elevavam: Porque o espírito de vida estava nas rodas.

22 E por cima das cabeças dos animais via-se uma semelhança de firmamento, como um aspecto de cristal horrível, e estendido pela parte superior por cima de suas cabeças. (11)

23 E debaixo d'êste firmamento as asas d'êles estavam direitas, as de um para o outro: Cada um com duas asas cobria o seu corpo, e o outro do mesmo modo estava coberto. (12)

prega êste modo de dizer da mesma maneira que a fábula nos refere os cem olhos de Argus:

Centum luminibus cinctum caput Argus habebat.

Ovídio, *Metam.* II.

e nós dizemos a cauda do pavão semeada de olhos:

Gemmis caudam stellantibus impleti,

e sendo assim as pinturas assírias e os tijolos esmaltados dão-nos bastantes exemplos.

(11) **FIRMAMENTO** — A terceira parte da descrição de Ezequiel tem por objeto o firmamento.

CRISTAL HORRÍVEL — A letra é: “como um pedaço de gelo que é terrível à vista, porque ofusca os olhos”.

(12) **CADA UM COM DUAS ASAS COBRIA** — As abóbadas dos edificios caldaicos são uma imagem da abóbada celeste, e explicam-nos esta parte da visão do profeta. Nos destroços dos palácios das margens do Tigre e do Eufrates vêem-se essas abóbadas sustentadas pelas asas dos touros alados.

24 E eu ouvia o somido das suas asas, como o somido de muitas águas, como a voz do alto Deus: Quando andavam, o tropel era como de uma multidão, como um estrondo de arraiais: E quando paravam, se abaixavam as suas asas. (13)

25 Porque quando se formava a voz sôbre o firmamento, que ficava por cima das suas cabeças, paravam, e abaixavam as suas asas.

26 E sôbre êste firmamento, que ficava iminente às suas cabeças, havia uma semelhança de trono como aspecto de pedra de safira: E sôbre a semelhança do trono havia em cima dêle uma semelhança, como aspecto de homem. (14)

27 E vi uma como representação de esmalte, um como aspecto de fogo pelo interior dêle em circunferên-

(13) VOZ DO ALTO DEUS — E' o trovão.

(14) ASPECTO DE HOMEM — A representação de Deus sob uma forma humana, nos escritos de um profeta, pode surpreender à primeira vista o leitor desatento, mas pensando cuidadosamente no que está escrito vê-se a insistência do hagiógrafo fazendo sentir que se tratava apenas de imagens, formas, semelhanças da glória do Senhor. Não obstante esta linguagem, e a despeito destas advertências e corretivos do próprio autor, embaraçaram-se os escribas e intérpretes da lei mosaica no tempo da vinda de Jesus Cristo. Mas com certeza que esta confusão não existiu nos tempos dos ouvintes de Ezequiel, porque êstes compreenderam o que o profeta lhes queria significar que a glória de Deus verdadeiro eclipsava a grandeza e glória dos deuses e dos magnates que viviam nos palácios caldeus. Acêrca do caráter simbólico de Ezequiel, lê-se em S. Ireneu; "Manifestius autem adhuc et per Ezechielem factum est, quoniam ex parte dispositiones Dei, sed non ipsum videbant prophetae proprie Deum. Hic enim cum vidisset visionem et cherubim et rotas eorum... ne quis putaret forte cum in his proprie vidisse Deum intulit: Haec visio similitudinis gloriæ Domini. S. Iren. Contra Haer. PG 7, 1039,

Ezequiel 1, 28; 2, 1-4

cia: Desde a cintura, e daí para cima, e desde a sua cintura até abaixo vi uma como aparência de fogo resplandecente ao redor.

28 Como o aspecto do arco ao tempo que estiver na nuvem num dia de chuva: Êste era o aspecto do esplendor em roda.

CAPÍTULO 2

MISSÃO DE EZEQUIEL. O SENHOR O EXORTA A NÃO TEMER AS AMEAÇAS DOS HOMENS. UMA MÃO LHE PRESENTA UM LIVRO CHEIO DE LAMENTOS.

1 Esta foi a visão da semelhança da glória do Senhor: E vi, e caí com o meu rosto em terra, e ouvi uma voz de quem falava. E me disse: Filho do homem, põe-te sobre os teus pés, e eu falarei contigo. (1)

2 E entrou em mim o espírito depois que me falou, e me firmou sobre os meus pés: E ouvi ao que me falava.

3 E dizia: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às gentes apóstatas, que se apartaram de mim: Êles e seus pais têm prevaricado violando o meu pacto até ao dia de hoje.

4 E aquêles a quem eu te envio são uns filhos de

(1) **E CAÍ COM O MEU ROSTO EM TERRA** — Não se ensoberbeceu o profeta com a grandeza das visões que tivera; mas, conhecendo a fragilidade humana, se prostrou sobre a sua face. Porque também o Apóstolo S. Paulo, depois de ter subido ao céu, e ter lá ouvido coisas inefáveis, diz que lhe fôra dado um Anjo de Satanaz que o esbofeteasse, para não se ensoberbecer. É também para notar, que uma coisa é cair sobre a face, outra cair para trás. Os Santos caem sobre a face, como Abraão, mas os pecadores caem para trás, como Heli. — S. Jerônimo.

FILHO DO HOMEM — Expressão poética, familiar a Ezequiel, e que significa um homem, um mortal.